



Dois Dedos de PROSA

Nº 71 - Recife/PE - Março/2013

© Semiárido das Mulheres

Foto: Vlória Lima/Acervo Caatinga – Grupo de Mulheres da Comunidade de Santa Maria – Ouricuri/PE

Em período de longa estiagem, elas assumem a difícil tarefa de cuidar da terra, dos animais, dos filhos e da casa, enquanto seus companheiros procuram sustento em outras paragens. Os homens saem, mas elas ficam e a cada período de seca mais aprendem a lidar com esse fenômeno da natureza e com as responsabilidades de quem fica só pra cuidar de vidas.

Páginas 4 e 5

Águas do Céu:
projeto recupera nascentes
na Mata Sul de Pernambuco
Página 3

O ano da cooperação
pela água é 2013
Página 6

Jovens rurais discutem
sobre Modelo de Desenvolvimento
Página 8

Visite nossa página na internet: www.centrosabia.org.br

Co-financiamento:



As opiniões veiculadas neste jornal não expressam, nem refletem, necessariamente as opiniões da Comissão Europeia.

O Centro Sabiá nos 20 anos

Em 2013 o Centro Sabiá completa 20 anos. É uma trajetória que vem contribuindo para processos de transformação no meio rural e de sua relação com o espaço urbano. A defesa da agricultura familiar camponesa e da agroecologia como paradigmas ao modelo de desenvolvimento hegemônico tem sido nossas principais lutas.

A defesa de direitos para a juventude e para as mulheres tem sido estratégia importante e transformadora das relações e das percepções de quem vive e trabalha no campo e de quem se beneficia dele. A luta pelo direito ao alimento, à água, a equidade na economia gerada das atividades produtivas e a construção do conhecimento como mecanismos de emancipação política, é o alimento de nossas práticas cotidianas junto às famílias agricultoras e suas organizações.

É oportuno reconhecer o apoio das agências da Cooperação Internacional, de órgãos governamentais e mais recentemente de empresas públicas, na garantia das condições materiais do trabalho. Reconhecer nas pessoas amigas, nas organizações parceiras e a participação nas redes, como a Articulação no Semiárido (ASA) e a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), como fontes de alimento para manutenção e atualização de nossa missão que é de *plantar mais vida para um mundo melhor*. Esta é uma condição para sempre celebrarmos nossa existência.

Boa leitura!

Sede de Solidariedade

Campanha arrecadou recursos para ações que diminuem os efeitos da seca no Semiárido

Por Sara Brito com informação da Assessoria de Comunicação da FETAPE



Em todo período de seca a história se repete: as pessoas ficam sem água e sem comida, todos se comovem nessa época e o governo corre a investir em ações emergenciais. Passa o tempo e o Semiárido continua sem estrutura necessária para conviver com a seca, um fenômeno cíclico, que não se sujeita aos desejos do homem.

São as organizações da sociedade civil, que se mobilizam para encontrar soluções mais duráveis para evitar o desespero e o despreparo que chegam com os tempos de seca. Em alguns casos, com o apoio de governos. Foi o que fez a Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Pernambuco (Fetape) que propôs um

trabalho em equipe com outras organizações, inclusive com o Centro Sabiá mas, principalmente com a Arquidiocese de Olinda e Recife e a Caritas Regional Nordeste 2. Juntas elas realizaram a campanha **Tem Gente Com Sede de Solidariedade**. "Sabemos que esta situação é de responsabilidade do Estado (governos federal, estadual e municipal), mas também existe a necessidade de chamar a atenção da sociedade. Além disso, a campanha teve a finalidade de

mostrar que as ações não estão chegando e que o povo está passando necessidade", explica Doriel Barros, presidente da Fetape.

A campanha teve início em dezembro de 2012 e finalizou na primeira quinzena de março deste ano. As doações somaram R\$ 250 mil. O recurso será destinado a construção de tecnologias alternativas de convivência com o Semiárido que atendam as demandas apontadas pelas próprias comunidades. Os municípios a serem contemplados são Águas Belas e Jupi, no Agreste do estado e Ouricuri, no Sertão. Eles foram escolhidos por apresentarem o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) ■

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro – Recife/PE – CEP: 50050-080. Fone/Fax: (81) 32237026 e (81) 3223.3323. sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br. **Diretoria:** *Presidente:* Jones Pereira. *Vice presidente:* Ivonete Lídia Vieira. *Conselho Fiscal:* Joana Santos e Rivaneide Almeida. **Coordenação:** *Coordenador Geral:* Alexandre Henrique Bezerra Pires. **Coordenação de Articulação Política:** Adeildo Fernandes da Silva. **Gerente Administrativo Financeira:** Verônica Batista. **Equipe Técnica:** Ana dos Santos Cruz, Carlos Magno de Medeiros, Cláudio Almeida, Gleidson Amaral, Iêda Simão, Jacinta Silva, Janaina Ferraz, João Alberto de Lima, Lucimário Ramos, Nicléia Nogueira, Paulo Portes, Wellington Gouveia e Victor Barbosa. **Equipe Administrativa:** Alexsandro Honório, Darliton Lima, Demetrius Falcão, Jullyana Lucena, Márcia do Amaral, Paula Dantas, Pedro Eugênio e Vânia Luiza. Estagiário de Contabilidade: Jackson Helder de Oliveira. **Núcleo de Mobilização de Recursos:** Maria Cristina Aureliano. **Produção do Núcleo de Comunicação:** Catarina de Angola (DRT/PE -4477), Laudence Oliveira (DRT/PE-2654), Nathália D'Emery (DRT/PE - 3037) e Sara Brito (estagiária). **O trabalho do Centro Sabiá também recebe o apoio das seguintes organizações:** CESE, terre des hommes shweiz, ministérios do Desenvolvimento Agrário e Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Caixa Econômica Federal/Fundo Socioambiental, Fundo Nacional de Mudanças Climáticas, Petrobras e ProRural/SARA. **Projeto Gráfico:** Alberto Saulo. **Diagramação:** Rodrigo Sarmiento. **Impressão:** Gráfica JB. **Tiragem:** 5.000 (cinco mil) exemplares.

Cuidando das Águas que caem do céu

Projeto recupera as nascentes de águas em assentamento na Zona da Mata de Pernambuco com a participação de agricultores/as

Por Paulo Portes

O projeto Águas do Céu, é realizado pelo Centro Sabiá com o apoio da Caixa Econômica Federal através do Fundo Socioambiental. Seu objetivo é recuperar nascentes de água, gerar renda e melhorar a qualidade de vida de agricultores e agricultoras familiares por meio da implantação de Sistemas Agroflorestais (SAFs). As ações são desenvolvidas no assentamento Amaraji, no município de Rio Formoso, na Zona da Mata de Pernambuco, com a participação direta de famílias agricultoras do assentamento. No mapeamento, foram identificadas e já estão sendo recuperadas 24 nascentes.

Diversas atividades já foram realizadas na comunidade, desde oficinas de capacitação e sensibilização sobre produção de mudas e manutenção de viveiros, estratégias de recuperação de nascentes, até atividades práticas como visitas técnicas e mutirões de plantio de mudas. A estratégia utilizada para a recuperação das nascentes é a utilização dos Sistemas Agroflorestais – forma de plantio onde se faz um consórcio com diversas espécies, desde plantas nativas a cultivos agrícolas. Os SAFs promovem a proteção da nascente, pois atua como uma mata ciliar, aumentando a vazão e a qualidade da água.

A utilização dos SAFs também proporciona melhorias na renda e na segurança alimentar das famílias agricultoras. Isso porque elas podem consumir e vender os produtos desses sistemas agroflorestais. É o que afirma o agricultor José Rosa da Silva, do assentamento Amaraji. “Um projeto como esse beneficia tanto o agricultor, que pode se alimentar e vender os produtos da Agrofloresta tanto a natureza que se agrada por ter a água preservada”.



Foto: Laudence Oliveira

Mutirão para o plantio de mudas ao redor de uma nascente

Jovens têm participação importante no projeto

A continuidade e sucesso do projeto também estão nas mãos de um grupo de jovens que tem um papel importante nessa ação. Eles são chamados de Guardiões Ambientais e atuam como multiplicadores da agroecologia na comunidade. No Águas do Céu, eles fazem visitas e monitoram o trabalho que vem sendo realizado.

O jovem guardião Paulo José da Silva destaca a importância de multiplicar a agricultura Agroflorestal dentro dessa iniciativa: “Nós passamos para os agricultores os conhecimentos dessa agricultura que respeita o homem e o meio ambiente para que ela possa ser ampliada na região” ■



Foto: Paulo Portes

Jovem guardião Paulo José da Silva

É tempo de mudanças para as mulheres do Semiárido

Elas ainda são as mais atingidas pela seca, mas transformações significativas já são identificadas nos últimos anos, ajudando a fortalecer a voz da mulher sertaneja

Por Nathália D'emery

Foto: Vlândia Lima/Acervo Centro Sabiá

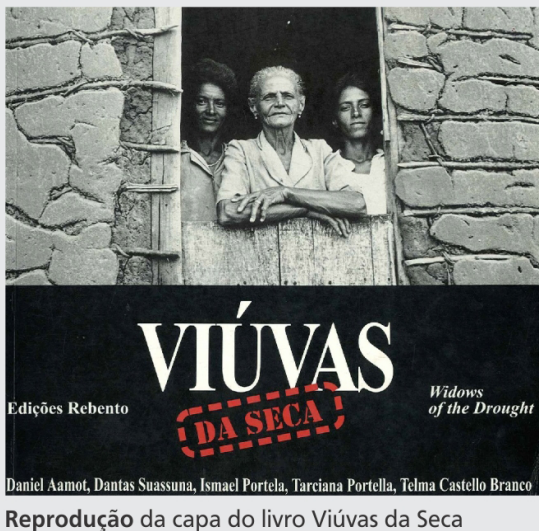


Mulheres jovens e adultas assumem a responsabilidade de cuidar da propriedade, dos animais e da família

O trabalho feminino ainda pode ser visto no Semiárido brasileiro como um tipo de ajuda dentro deste mundo que ainda é dominado por homens. Ainda há uma forte divisão de tarefas onde para as mulheres fica sempre o cuidado com a casa e os filhos. Na região, as mulheres continuam presenciando maridos e filhos partindo para o corte da cana no Sudeste e Centro Oeste em busca de renda. Por outro lado, o intenso período de estiagem também proporciona condições para se quebrar a invisibilidade da sertaneja. Mesmo em ritmo lento, o momento é de mudanças. A visão da mulher flagelada e solitária, chamadas de “viúvas da seca”, não é mais a mesma. Hoje, há uma nova realidade, onde a mulher sertaneja sabe conviver com a seca, com o Semiárido.

Segundo Verônica Santana, do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural (MMTR), as mulheres ainda são as principais atingidas pela seca. Mas, já são vistas como sujeitos de direitos e que podem superar as condições de exclusão. “Em 86, quando o movimento iniciou aqui no Nordeste, também numa situação de estiagem, as mulheres não eram nem consideradas trabalhadoras rurais. Eram totalmente excluídas dentro de uma ideia de ‘combate à seca’”, lembra Verônica. Os avanços das últimas décadas é fruto da luta do movimento organizado de mulheres. Uma luta que traz garantias de direitos que as mulheres não tinham antes como à aposentadoria, à participação em programas sociais, como Bolsa Família, Chapéu de Palha e Bolsa Estiagem, entre outros.

Sobre as Viúvas da Seca



Na década de 90, mulheres que se intitulavam “viúvas”- as que ficavam no Semiárido enquanto os maridos partiam atrás de emprego - inspiraram uma mostra multiprofissional e, posteriormente, uma publicação, com o nome de Viúvas da Seca. Textos, fotos e poesias traduziam em forma lúdica e de denúncia, como essas mulheres se viam e viam a seca.

O projeto foi um retrato do Semiárido entre 93 e 94, há 20 anos, realizado por nomes como Telma Castello Branco, sócia fundadora do CAATINGA; Dantas Suassuna, pintor; e

Tarciana Portella, poetisa e videasta; entre outros. Como desdobramento do Viúvas da Seca, Telma reforça estratégias e debates sobre gênero que consideram a visibilidade das mulheres e a promoção delas dentro do núcleo familiar e produtor. “São espaços relacionados e dependentes. É preciso trabalhar habilidades, poderes compartilhados e o reconhecimento da mulher”. Fica a dica para que projetos assim não se percam na memória. Que o Viúvas da Seca seja uma inspiração para que outros artistas revisitem o Semiárido sob o olhar da convivência com a região.

As mudanças de vida

Ana Maria Martins, agricultora da comunidade de Sítio Souto, do município de Triunfo, assumiu durante oito meses o compromisso de administrar contas, cuidar dos animais, da casa, do filho mais novo, depois que o marido e o filho mais velho saíram em busca de emprego. Além da solidão e preocupação com a separação da família, ela aponta como desafio a quantidade de responsabilidades que precisou assumir sozinha.

Mas ela avalia que tem acontecido mudanças. “Ao meu vê, o governo está olhando um pouco mais para as mulheres, parece que está vendo que somos tão responsáveis quanto os homens”. Ana Maria defende que recurso como o do Garantia Safra, se sair em nome das mulheres, elas saberão administrar de acordo com as necessidades reais.

Apesar do Semiárido não ser mais o mesmo, as políticas específicas para as mulheres ainda precisam ser colocadas em prática de forma que cheguem a todas. Outro ponto importante é a necessidade de reconhecimento. “O trabalho que a mulher faz ao redor de casa é visto como uma extensão do doméstico. As mulheres são as



Foto: Vlândia Lima/Acervo Centro Sabiá

No Semiárido, são as mulheres que gerenciam o uso da água

grandes responsáveis pela sobrevivência, produção de alimentos e criação de pequenos animais. Se isso tivesse que ser pago, quanto custaria?”, questiona Verônica Santana.

É importante lembrar que o trabalho das mulheres acontece independentemente da estiagem e dos homens saírem ou não em busca de emprego. Para Graciete Santos, coordenadora da Casa da Mulher do Nordeste, as políticas de convivência com o Semiárido

existem, mas, na prática, ainda têm impactos diferentes para homens e mulheres. “Enfrentamos uma grande discussão sobre o papel da mulher dentro do programa Um Milhão de Cisternas, por exemplo. A gestão da água sempre foi delas: cozinhar, beber, lavar roupa. O homem não tem este papel, mas a mulher não tem o poder de decisão. O poder ainda é masculino, mesmo com os avanços”, diz Graciete Santos.

Maria de Fátima dos Santos, da comunidade de Alagoinha, na cidade de Triunfo, também é uma dessas mulheres que assumiram ainda mais responsabilidades ao longo do período da seca. Seu marido saiu em busca de trabalho no corte da cana no interior de São Paulo. Com a falta de chuva, deixou a agricultura e pegou um emprego temporário numa escola. “Temos mudanças. Muitas mulheres já têm a responsabilidade de sair das suas casas e ir trabalhar fora, buscando outra renda”, diz Maria de Fátima, e completa: “é preciso ter amor próprio, enfrentar a vida e procurar a sua independência”■

Ano de Cooperação pela água

É este ano, e a declaração é da Organização das Nações Unidas que traz o assunto para a pauta política internacional

Por Carlos Magno



entrando na pauta política com muito mais frequência. A primeira conferência que tratou especificamente desse tema foi a Conferência das Nações Unidas para Água, em 1977. De lá para cá, pode-se dizer que “poucas” águas rolaram. Segundo dados da ONU, um bilhão de pessoas no mundo, não têm acesso a água potável. A cada ano, morrem mais pessoas por consequência da contaminação das águas do que por toda forma de violência incluindo-se aí as guerras.

É importante lembrar que de toda água que há em nosso planeta, apenas, 0,6% é doce. De acordo com a Agência Nacional de Águas (ANA), 81% da água doce do Brasil vai

para a Agricultura e Pecuária. O que sobra é dividida entre consumo doméstico e indústria. Segundo a H2C, consultoria especializada em uso racional de água, o agronegócio no Brasil é responsável por 60% do desperdício de água, contra 14% do consumo doméstico. Entretanto, não há campanhas para redução de desperdício para esse setor.

Observa-se é o aumento dos investimentos, por parte do Governo Federal, em um modelo de agricultura que está fracassado, que consome cada vez mais os recursos naturais. Destroi os recursos que ainda restam com desmatamento e uso de insumos químicos que contaminam as águas, os alimentos, entre outros.

A Organização das Nações Unidas (ONU), declarou 2013 como o ano Internacional da Cooperação pela Água. Assunto que nos últimos anos vem

Articulação Semiárido (ASA) e o direito à Água

No Semiárido brasileiro, a problemática da água é mais grave. Mesmo sendo o semiárido mais populoso e chuvoso do mundo, o acesso à água não é fácil. Faltam políticas adequadas para região que respeitem os limites climáticos.

A Articulação Semiárido (ASA), vem atuando na garantia do direito a água. Isso é feito a partir de tecnologias de captação de água de chuva para consumo humano e para a produção de alimentos. Nos últimos 13 anos, a ASA construiu aproximadamente 450 mil cisternas de 16 mil litros, atendendo

mais de dois milhões de pessoas espalhadas pelo Semiárido.

A crescentam-se também, a implantação de cerca de 30 mil tecnologias destinadas a produção de alimentos, como cisternas calçadão, tanques de pedra, barragens subterrâneas, entre outras.. “A ASA é nosso principal parceiro estratégico no Brasil. Muito nos orgulha poder somar e aprender com essa experiência. Uma articulação sólida, legitimada por uma forte base social de apoio”, declara Telma Rocha da Fundação Avina, uma das parceiras da ASA. ■

Foto: Vlândia Lima/Acervo Centro Sabiá



Cisterna calçadão, tecnologia para produção de alimentos

Foto: Acervo Centro Sabiá



Agricultores e agricultoras do Sertão do Pajeú, em Pernambuco, participando da oficina

Direito à Água e à Informação

Temas discutidos nas oficinas realizadas por Artigo 19 em parceria com o Centro Sabiá

Por Sara Brito e Erison Martins*

Artigo 19, em parceria com o Centro Sabiá, realizou na segunda quinzena de fevereiro, em comunidades rurais do Agreste e Sertão de Pernambuco, oficinas sobre Acesso a Informação e Direito à Água. A atividade teve como objetivo discutir com agricultores e agricultoras formas de procurar e exercer os seus direitos em relação a programas e empresas relacionadas à distribuição de água em suas regiões.

As oficinas fazem parte do projeto Acesso à Informação e à Água nas Comunidades Rurais do Semiárido Brasileiro, da ONG Artigo 19, que busca promover entre organizações da sociedade civil, comunidades e lideranças do

Semiárido o direito à informação como uma forma que possibilite uma maior força na luta pelo direito à água. "A Lei de Acesso à Informação é muito recente, é de 2012, então essa é uma oportunidade de trazer essa discussão para as regiões do Sertão e do Agreste e fortalecer a mobilização que já existe de acesso à água", explica Vanessa Empinotti, consultora da Artigo 19.

As facilitadoras da oficina, Karina Ferreira e Vanessa Empinotti, também aproveitaram a oportunidade para mostrar o trabalho realizado pela organização no campo do direito à informação. "O objetivo desse trabalho é explicar que a nova lei de acesso à informação existe e como ela deve ser utilizada, assim como ela pode auxiliar os trabalhos já existentes nas regiões", pontua Vanessa.

Prática para entender a Lei

Para que agricultores e agricultoras compreendessem melhor como deve ser usada a lei de acesso à informação, as facilitadoras da oficina partiram da realidade da comunidade. Eles e elas listaram os programas que conhecem - tanto os municipais, como os estaduais e federal - de acesso à água. Disseram também se suas comunidades foram beneficiadas e se há outras esperando serem atendidas pelos programas. Em cartolinas agricultores e agricultoras desenharam mapas do Brasil, destacando o estado de Pernambuco e dentro do estado o município onde se encontravam e as comunidades que faziam parte do município. Dentro de cada mapa, colocaram os programas de acesso à água: os de âmbitos municipais, estadual e Federal. Essa metodologia, ajudou a entender como os programas de acesso a água estão distribuídos no país.

Uma parte prática foi realizada com os participantes. "O objetivo é que as pessoas possam entender e estejam capacitadas a fazer os pedidos de informação para poderem participar e controlar mais ativamente as políticas públicas de acesso à água de suas regiões," diz Karina Quintanilha, da Artigo 19. O agricultor, Adenir Nunes, aprovou a iniciativa: "essa oficina veio nos mostrar como devemos fazer nossas reivindicações junto aos órgãos municipais, estadual e federal", finaliza ele ■

Deposite aqui sua
Solidariedade e Confiança

SABIÁ 
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO
AGROECOLÓGICO

O Centro Sabiá inicia campanha de
doação junto à sociedade. Participe!
Faça a sua doação através de depósito bancário:
Banco do Brasil
Agência: 0697-1 | Conta Poupança: 57368-X

Juventude em PROSA

Rolou criatividade

Cordel

“...Acorda juventude/ precisamos na nossa terra ficar/ para que outros povos/ não venham a ela ocupar/ meu lugar dá para morar/ é só cuidar e valorizar...”

Produção coletiva da oficina de cordel

Teatro



Revista em Quadrinhos



Fotos: Edgar Callento

Foto: Edgar Callento

Jovens Semeando Conhecimento
É o programa que vai ao ar toda quarta-feira, às 12h30, pela Rádio Triunfo FM. Sintonize 87.9 ou acesse a Internet: www.trunfofm.com.br

Jovens discutem modelo de Desenvolvimento atual

Agroecologia, desenvolvimento sustentável e relações de gênero fizeram parte dos debates do III Encontro Juventude e Agroecologia

Por Dilene Nicolau e Cláudio Pageú*

No final de janeiro o Centro Sabiá realizou mais uma de suas grandes atividades nas ações com a juventude rural, juntamente com outras organizações parceiras como AS-PTA (PB), ASSEMA (MA), CETRA (CE), SASOP (BA) e CAATINGA (PE). Foi o III Encontro Juventude e Agroecologia: Um Olhar Político e Cidadão. O evento aconteceu no município de Rio Formoso, Mata Sul de Pernambuco e contou com a participação de 100 jovens rurais de diversos estados do Nordeste.

O encontro foi um momento de intercâmbio, ocasionando uma grande troca de experiências. Os jovens refletiram sobre a realidade dos diversos territórios

presentes. Teve também rodas de conversas e oficinas temáticas tais como: relações de gênero, agroecologia, organização política da juventude, comunicação, geração de renda e acesso à informação. Todas as temáticas fizeram uma ligação com o modelo de desenvolvimento atual e o papel da juventude nesse contexto. O jovem agricultor Helenilson de Sousa Lima, da comunidade Curralinho, no município de Triunfo, Sertão de Pernambuco, participante do evento e faz a sua avaliação: “o conhecimento adquirido durante o encontro foi de grande importância para mim, porque pude perceber o quanto é fundamental que todas as pessoas se perguntem: que modelo de desenvolvimento é esse que só favorece as pessoas que têm dinheiro?”, questiona.

Ampliando conhecimentos

Atividades como essa têm possibilitado que a juventude amplie conhecimentos, além de garantir que expressem suas ideias e que busquem alternativas para mudar a situação atual. Os jovens saíram do encontro com o entendimento de que é preciso buscar formas que garantam a permanência deles no campo, além da criação de leis que obriguem as grandes empresas a se preocuparem e agirem em prol da sustentabilidade. Que é preciso que a sociedade se organize para lutar pela melhoria de vida da população e por um mundo mais sustentável. O jovem Eliedson Machado destacou que: “é importante estarem fortalecidos, organizados e pensarem estratégias de ação que cobrem dos governos (executivo e legislativo), os direitos econômicos, sociais, políticos e culturais das juventudes e onde esses estão sendo violados”, finaliza.



Palestra sobre gênero teve boa participação dos jovens

Dilene Nicolau - jovem multiplicadora de agroecologia do assentamento Conceição – Sirinhaém/PE

Cláudio Pageú - jovem multiplicador de agroecologia da comunidade Quilombola de Siqueira – Rio Formoso/PE

O Centro Sabiá nas redes sociais:



@centrosabia



facebook.com/centrosabia



youtube.com/sabiacentro



flickr.com/centrosabia



mais.uol.com.br/centrosabia